



A promessa de lote não convenceu o electricista desempregado Antenógenes Gonçalves: "Não tenho para onde ir." Se o barraco for derrubado, ele diz que vai construir outro

Hora de desmontar a casa

Um dia depois da visita de Roriz, que prometeu 4 mil lotes de graça, mais da metade já deixou invasão de Santa Maria

Paola Lima
Da equipe do **Correio**

Um dia depois da visita do governador Joaquim Roriz, a invasão de Santa Maria contava ontem com um número bem menor de barracos. Sob a liderança do governador, mais da metade dos dois mil invasores — que em apenas 15 dias ocuparam a área — foram embora pacificamente no sábado,

depois de preencher a ficha de cadastro do Idhab (Instituto de Desenvolvimento Habitacional). Dezenas de famílias, no entanto, ainda permaneciam ontem no local à espera dos técnicos do Idhab, que não conseguiram completar o serviço de cadastramento em apenas um dia.

O cobrador Adair Barbosa de Andrade, 29 anos, era um dos invasores que continuava no barraco. Na invasão há uma semana,

ele e alguns vizinhos garantiram que assim que fossem cadastrados saíam do local. "Estamos apenas esperando. Agora se, dentro de 60 dias, nada for feito, vamos voltar e construir barracos definitivos", avisou.

Quem não conseguiu se cadastrar recebeu do Idhab uma senha para que procurasse hoje o Centro de Desenvolvimento Social (CDS) de Santa Maria. As senhas, no entanto — feitas em papel branco liso, com apenas um número e uma assinatura do técnico que a distribuiu —, não convenceram alguns invasores. "Qual a garantia que temos de que isso tem valor?", perguntou o electricista desempregado Antenóge-

nes Leandro Gonçalves, 29 anos.

Morando na invasão há duas semanas, com a esposa e duas filhas, Antenógenes disse que não concorda com a proposta do governo. "Estaria tudo bem se eu tivesse para onde ir durante esses dois meses de espera pelo lote, mas não tenho. Então essa proposta não adianta para mim", lamentou. Ele conta que morava no DVO, bairro próximo ao Novo Gama, mas como estava com o aluguel atrasado foi despejado.

O electricista e outros chefes de família dizem que não vão deixar o local. "Não temos para onde ir", argumentou. Eles garantem que, se os barracos forem derrubados, voltarão e construirão outros.

De acordo com o gerente do Siv-Solo, coronel Jair Tedeschi, as famílias que não têm onde ficar nesses dois meses podem contar com a colaboração do governo para abrigá-las. "Estamos negociando com o CDS para recebê-las ou estudando a hipótese de pagar dois meses de aluguel."

Tedeschi disse ainda que uma equipe do Siv-Solo ficou no local para evitar que outros barracos sejam montados. Na próxima terça-feira, os técnicos do Siv-Solo e funcionários do Serviço de Limpeza Urbana (SLU) vão limpar a área para que, na quarta-feira, possam ter início os estudos topográficos para elaboração do projeto de loteamento.